

COMENTÁRIOS

FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS DO MÉTODO NO FOLCLORE BRASILEIRO

Prof. Joaquim Ribeiro

Técnico de Educação

O problema básico e primordial do *folclore* brasileiro é a sistematização. País de grande extensão geográfica e sujeito historicamente a múltiplas influências impõe ao estudioso, como ponto de partida, a necessidade da classificação das tradições.

Depois da colheita do material, o primeiro trabalho *científico* propriamente dito é classificá-lo

No terreno de nossa etnografia (claro está que excluo a etnografia das nossas populações *ameríndias*) só houve até hoje duas tentativas completas a classificação antropológica de SÍLVIO ROMERO e a que apresentei no ensaio *Introdução ao estudo do folclore brasileiro* inspirado nas modernas diretrizes dos estudos étnicos

Quando SÍLVIO ROMERO tentou sistematizar o estudo do nosso *folclore*, o *antropologismo* dominava os estudos dessa natureza, daí a orientação tendenciosamente antropológica (racial) do *folclorista* sergipano

Tomando por base o *fator racial* formulou uma classificação em torno dos elementos raciais que entraram em nossa formação, distribuindo o nosso *folclore* de acordo com as origens ditas raciais. Obedecendo a esse critério, dividiu o *folclore* em quatro classes:

- I — Tradições originárias do elemento português (raça branca).
- II — Tradições originárias do elemento aborígene (raça vermelha)
- III — Tradições de origem negra (raça negra)
- IV — Tradições derivadas de elementos mestiços (tipos de mestiçagem)

Esta classificação foi logo aceita e divulgada no estrangeiro por SANTA'ANA NERY no livro *Folclore brasileiro*, editado em Paris, e por TEÓFILO BRAGA em Portugal

Não há dúvida que, aparentemente, a classificação de SÍLVIO ROMERO parecia satisfazer à finalidade do estudo

Não tardaram, porém, as críticas e objeções

O primeiro a combatê-la foi o saudoso *folclorista* do Nordeste, RODRIGUES DE CARVALHO que no seu precioso *Cancioneiro do Norte* se mostrou positivamente contrário ao método introduzido pelo filósofo sergipano

"Não justifico SÍLVIO ROMERO (diz êle) quando afirma a origem de cada conto ou canto das suas coleções. Das três raças há apenas reminiscências estampadas no tipo, nas ações, nos costumes do brasileiro atual"

RODRIGUES DE CARVALHO defende e até certo ponto com boa razão, uma *teoria do hibridismo*, característico de nosso povo. Excede-se, porém. O fenômeno de hibridismo de nossas tradições, sem dúvida, existe, mas não é tão absoluto quanto lhe parece

Há exceções à porfia. Inúmeras tradições conservam-se, entre nós, puras, com o matiz originário. Há superstições comuns ao Brasil, a Portugal e a outros países europeus, que conservam a forma remota e distante de origem. Haja vista, por exemplo, a crença popular do *mau agouro do canto da coruja*, era conhecida dos romanos, como atesta VIRGÍLIO na égloga *Titino e Melibeu*, e ainda hoje é vulgar, tanto entre nós como em numerosos países europeus, principalmente nos países latinos. Há trovas populares, que conquanto cantadas por nosso povo, são estritamente lusitanas, tais como:

*Chanda, cirandinha
Vamos todos chandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar*

A lenda da "boiúna", corrente na Amazônia, é uma típica tradição da raça vermelha (Tupi-guarani) — tanto quanto a crença no *Zumbi*, popular na Bahia, o é dos negros

Por aí se vê que nem tôdas as tradições possuem caracteres de hibridismo, o que, em parte, é uma objeção fulminante aos termos absolutos da teoria tão ardentemente defendida por RODRIGUES DE CARVALHO. Mas não foi apenas esta a única objeção aparecida contra a doutrina de SÍLVIO ROMERO.

O sistema do ilustre sergipano oferece inúmeras obscuridades ao classificador, que está sujeito a todo momento ser iludido nas identificações raciais das tradições populares. Daí os inevitáveis enganos de SÍLVIO ROMERO ao afirmar certas origens de contos ou lendas. As indicações de SÍLVIO ROMERO primam pela ausência de *dados comparativos* indispensáveis.

Nesse ponto o primeiro a criticá-lo, demonstrando a dificuldade de tal processo, foi JOÃO RIBEIRO no livro *Fabordaão* (1910), onde mostrou à saciedade que o conto "o jaboti e o tatu", dado como de origem tupi, era, na verdade, de procedência ariicana, conforme se encontra em RENÉ BASSET, *Contes populaires d'Afrique* e em HÉLI CHATELAIN, *Folktales of Angola* (história do "elefante e a rã").

PEREIRA DA COSTA no *Folclore Pernambucano* acrescenta às fontes raciais de SÍLVIO ROMERO, outros veios de tradições, oriundos de elementos históricos (domínio holandês, fatos políticos, etc.), embora sem intuito de sistematização.

MELO MORAIS salientou a influência do *elemento cigano*, que BASÍLIO DE MAGALHÃES reputa algo exagerada.

Em 1918, LINDOLFO GOMES critica sãbiamente o sistema de SÍLVIO ROMERO, fundamentado na tese da *identidade do espírito humano*. Lembra o conto "O macaco e o rabo", cujo "leit-motiv" aparece em *folclores* de múltiplas origens.

Para LINDOLFO GOMES o sistema de SÍLVIO ROMERO não é satisfatório para a classificação dos *contos populares*. Nesse ponto o método dos *ciclos temáticos* servia melhor. É esta a retificação proposta pelo sábio folclorista de Juiz de Fora. Na verdade foi êle o introdutor desse processo em nosso folclorismo.

Mais tarde GUSTAVO BARROSO rejeita também o critério de SÍLVIO ROMERO e apresenta uma classificação temática demasiadamente parcial.

O folclorista SÍLVIO JÚLIO, igualmente, coloca-se contra o sistema de SÍLVIO ROMERO, dadas as analogias existentes entre os folclores do orbe.

Tôdas essas censuras à classificação de SÍLVIO ROMERO são críticas parciais, pois, não a atingem totalmente.

A crítica justa que se pode fazer ao sistema de SÍLVIO ROMERO, e a única a meu ver, decisiva, é o de ser baseado numa criteriologia eminentemente antropológica. Isso, porém, é defeito da época em que o elaborou. Quando SÍLVIO ROMERO estabeleceu a sua classificação, o *fator racial* constituía o eixo da etnografia.

Mal se diferenciava *cultura* e *raça*, conceitos diversos então confundidos. É fundamental a diversidade entre *raça* (aspecto *natural* do homem) e *etnia* (aspecto *cultural* do homem).

O antropologismo naturalista avassalava, entretanto, a etnografia.

Só mais tarde, com o advento do movimento *culturalista* apagou-se êsse nevéio antropológico e a classificação de SÍLVIO ROMERO perdeu a atmosfera doutrinária para persistir.

É êsse o erro fundamental da classificação, que, durante tanto tempo, se impôs, certamente pela vantagem da síntese que oferecia. Marca, de fato, uma etapa decisiva de nosso *folclore*.

O estudo do povo brasileiro, no seu aspecto *folclórico*, não pode e nem deve ser feito sob o prisma *racial*.

Os estudos étnicos dispensam a contribuição do método e da criteriologia da Antropologia Natural. E buscam, pelo contrário, na Antropologia Cultural os recursos necessários.

A melhor classificação de nossas tradições populares deve ser feita tendo em vista não só a *área de homogeneidade cultural* em que apareceram (fator geográfico) como igualmente os *estratos culturais* pelos quais passaram através de sua evolução (fator histórico).

Hoje, na verdade, depois dos sábios alemães terem formulado as bases da "ciência da civilização" (*Kulturwissenschaft*) o conceito de civilização, ou melhor de *cultura* (Kultur) veio daí à etnografia um esplendor sem precedentes. O método histórico-cultural, devido às suas raízes filosóficas, veio colocar definitivamente a etnografia no reduto das ciências culturais ou histórico-sociais.

Enganam-se, todavia, os que julgam ser o método histórico-cultural aplicável apenas à etnografia dos povos primitivos e selvagens. Ao contrário, é método comum a todos os ramos das ciências étnicas. É aplicável também ao folclore, tanto que ARANZADI, traduzindo e anotando a Etnografia de HABERLANDT, escreve:

"y tambien en los pueblos llamados cultos quedam a disposicion del mismo metodo todos los elementos culturales situados fuera de la historia escrita, sean arqueológicos, sean *folklóricos*" (obra cit., pág. 25).

O mais eminente folclorista da Finlândia (país que é considerado o centro internacional de folclore) KARL KROHN renovou o estudo do folclore justamente

com a aplicação desse método geográfico-cartográfico (Cfr. SCHMIDT, *Origine et evolution de la religion*, trad. de LEMONNYER).

Divulgando a obra *Método de Etnologia* de GRAEBNER, HOYOS SAINZ salienta que "concernem os problemas da Etnografia a limitar capas ou estratos de civilização (*Kulturschichten*) ou áreas de expansão das mesmas (*Kulturkreise*)"

Por aí já vemos que as áreas culturais possuem, como elementos essenciais, fundamentos geográficos.

Com pequenas divergências entre etnólogos europeus e americanos, o método cultural tem sido aplicado na América às *culturas ameríndias*.

Do ponto de vista paletnográfico HOLMES, que dirigiu o "Bureau of American Ethnology" dividiu o Novo Continente em 22 áreas de civilização primitiva. O Brasil, na sua classificação, abrange duas áreas apenas:

- a) Área do delta amazônico;
- b) Área da América do Sul primitiva

Tal é a doutrina exarada no *Handbook of aboriginal american antiquities*. Mais tarde WISSLER, tomando por base as manifestações materiais (cerâmica, indumentária, tecidos, etc.), estabeleceu para a etnografia ameríndia da América do Sul 6 áreas, sendo que denomina "Área Amazônica" aos núcleos ameríndios do Brasil.

KROEBER modifica a classificação de WISSLER e estabelece a "Área da Floresta tropical" sub-dividida em três sub-áreas:

- a) as savanas da Guiana;
- b) o planalto do Brasil Ocidental,
- c) o Chaco.

No Brasil o sábio ROQUETE PINTO numa memória apresentada ao Quarto Congresso Médico Latino-Americano classifica as tribos ameríndias de nosso território de acordo com a distribuição geográfica.

Já vimos, pois, que à etnografia ameríndia o método tem sido aplicado com êxito.

Porque não devemos aplicá-lo à etnografia propriamente brasileira?

Foi estabelecendo este problema que no meu ensaio *Introdução ao estudo do folclore brasileiro* estabeleci uma classificação de nossa etnografia inspirada nessas novas diretrizes metodológicas.

Meu principal objetivo foi determinar as *áreas de homogeneidade cultural*, homogeneidade determinada pela *técnica de vida* no passado e no presente. Encarei os fatos etnográficos, não isoladamente, mas *em conjunto* dentro do *estilo regional*, que os caracteriza.

É claro que a aplicação desse método ao Brasil *brasileiro* (que não se confunde com o Brasil *ameríndio*) implica na diferenciação *regional* das camadas de civilização européia ("Ramo cultural tardio, culturas superiores, ciclo moderno" da classificação de MONTANON, chefe da escola ciclo-cultural moderna ou "escola francesa").

Convém frisar que o que denomino "área de civilização" corresponde a verdadeiras *manchas culturais*, de nítida homogeneidade regional.

Esse conceito de "mancha cultural" julgo essencial à aplicação do método histórico-cultural a populações não-primitivas, mas de cultura popular rústica, atrasada e rudimentar.

A "mancha cultural" ocupa determinada área geográfica, porém não possui limites precisos e nítidos.

Foi obedecendo a esse critério que elaborei a seguinte classificação da etnografia brasileira.

- I — *Área de civilização costeira*, abrangendo toda a faixa litorânea. Primitivamente constituía o "*ciclo Atlântico*" do folclore colonial. Atualmente está transformado em dois ciclos:

- a) *ciclo costeiro do norte* ou "*ciclo da jangada*", porque, na costa nordestina, a *jangada* é a *técnica* mais típica da vida litorânea.
- b) *ciclo costeiro do sul* ou "*ciclo dos caixaras*", porque "caixara" é o nome popular do pescador na costa paulista e paranaense.

- II — *Área de civilização agrícola*, compreendendo a zona entre o alto sertão e a costa, onde se desenvolvem as grandes lavouras brasileiras.

Primitivamente formava apenas um pequeno ciclo, próximo da costa, que se poderia denominar *ciclo dos engenhos*, porque o engenho de açúcar, nos tempos coloniais, era um símbolo expressivo desse momento de nossa civilização agrícola.

Atualmente esta área pode ser dividida em três ciclos:

- a) *Ciclo agrícola do norte* ou "*ciclo do mimoso*", para usar a expressão com que os sertanejos nortistas designam a região verdejante de matas, que fica entre o alto sertão e a costa. É a zona da *cana*, do *algodão*, do *fumo*, etc e os seus habitantes, roceiros quase sempre, são chamados *tabareus*, *matutos*, etc
- b) *Ciclo agrícola do sul*, que se poderá chamar "*ciclo do café*" se a policultura de nossos dias não tendesse a desfigurar a grande lavoura sulina, a velha monocultura cafeeira. Constitui o território típico dos *caipiras*, *tapiocanos*, *capiaus*, etc.
- c) *Ciclo dos núcleos de colonização estrangeira*, ou "*ciclo dos imigrantes*" caracterizado pela *metástase* na lavoura brasileira de agrupamentos étnicos de diversa origem: povos germânicos, latinos, eslavos, semitas, amarelos, etc

III — *Área de civilização pastoril do sertão* (Nordeste (zona das caatingas), Bahia, Minas e parte de Goiás) — ou *ciclo do couro* porque o couro constitui elemento típico da técnica da indumentária, montaria, etc O vaqueiro nordestino é figura característica do meio cultural

No passado o emprêgo do couro foi, na verdade, mais geral e absorvente que nos dias de hoje:

"De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos, de couro tôdas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para cortume ou para apuniar sal, para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com o seu peso, em couro pisava-se o tabaco para o nariz" (CAPISTRANO DE ABREU)

É a zona do pastoreio sertanejo, que se formou desde os tempos coloniais quando a *criação*, no Nordeste, realizava penetração pacífica enquanto que as "bandeiras", no planalto do Sul, realizavam penetração belicosa

O alto sertão brasileiro é, atualmente, eminentemente, pastoril

IV — *Área da civilização mineira* Primitivamente abrangia a enorme zona de expansão das "bandeiras" (ciclo dos bandeirantes).

Atualmente essa área está quase tôda absorvida não só pela área agrícola como pela área pastoril e se reduz a meros núcleos:

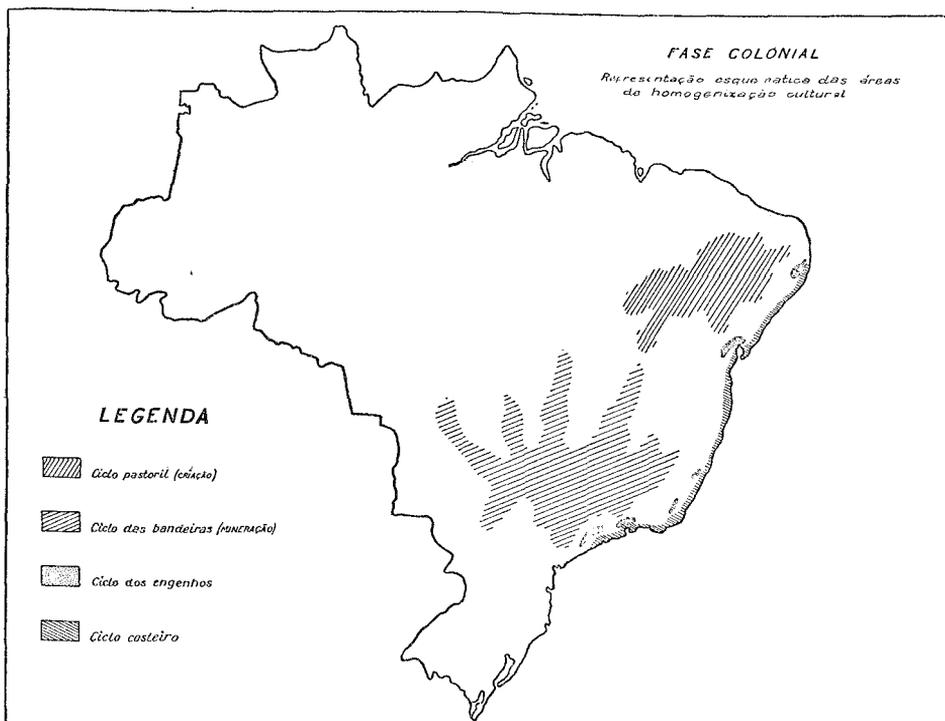
- a) *ciclo de mineração*, cuja técnica tradicional está desaparecendo diante dos processos mecânicos modernos
- b) *ciclo de garimpagem* que, por sua natureza, não possui continuidade geográfica e implica em localização nas margens dos rios diamantíferos de Minas, Goiás, Mato Grosso, Bahia, Paraná, etc

V — *Área de civilização pampeana*, caracterizada por uma civilização pastoril estreitamente ligada à civilização da planície pampeana. De fato, os gaúchos brasileiro, uruguaio e argentino, nas suas usanças, se parecem tanto que, sob o ponto de vista cultural, pertencem a um mesmo ciclo (*ciclo pâmpeano*). Inúmeros complexos culturais são comuns a todos êles: o *chir'pá*, o *poncho*, as *bombachas*, as *chilenas*, etc O próprio vocabulário regional define a identidade cultural (*Bagual*, *ahijuna*, *guasca*, *gaúcho*, *cabouguero*, etc).

VI — *Área de civilização amazônica*, caracterizada pela grande influência ameríndia na linguagem, nas técnicas de vida, etc A indústria é, aí, puramente extrativa (a pesca, a castanha, a borracha, as madeiras, etc) É o ciclo do *seringueiro*, do *bebe-água* da Amazônia, isto é, o caboclo das margens dos rios e igarapés

A civilização apresenta-se com verdadeiro aspecto *lacustre*.

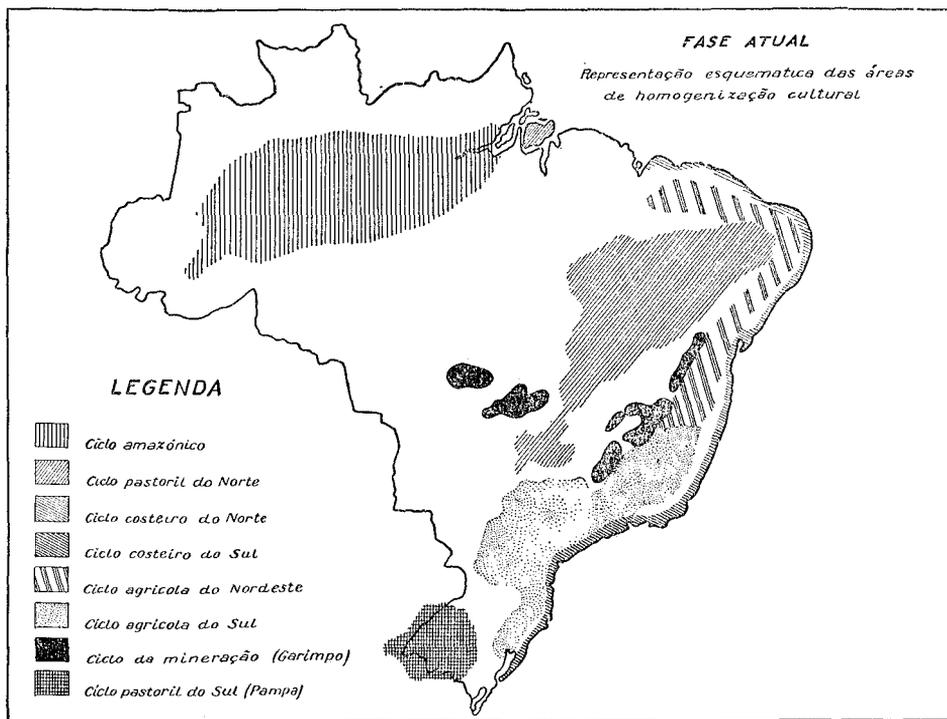
Tais são as grandes *áreas de homogeneidade cultural* que constituem a colcha de etnografia brasileira



Dentro dessa ampla sistematização as tradições devem ser classificadas, afim de serem explicadas de acôrdo com o conjunto.

O estudioso pode, sem ferir êsse método, caracterizar ciclos menores de natureza local

A flexibilidade do método geográfico-cultural é maior ainda se, em vez de reunir as tradições *em conjunto*, quisermos separar cada *elemento cultural* numa área isoladamente para melhor estudá-lo



CLARK WISSLER estabeleceu, por exemplo, para *etnografia ameríndia as áreas de alimentação (Foods areas)*, incluindo o Brasil ameríndio na "área da Mandioca"

Igual método podemos introduzir na etnografia propriamente brasileira

Tomemos, por exemplo, a base da alimentação popular de nossas populações e distinguiamos com nitidez:

- I — *Ciclo da tartaruga e do pirarucu*, abrangendo tôda a Amazônia. A tartaruga é o prato amazônico por excelência e dêle há inúmeras variedades. A pesca fluvial é a forma de economia alimentar.
- II — *Ciclo de pesca marítima*, compreende tôda a faixa litorânea, salientando-se o *sururu* (prato regional de Alagoas), a *muqueca* (Bahia)
- III — *Ciclo da carne de cabrito*, compreende todo o Nordeste, desde o ciclo agrícola ao ciclo pastoril
- IV — *Ciclo da carne de porco*, abrange todo o ciclo agrícola do Sul (caipiras, etc.)
- V — *Ciclo do churrasco*, característica da civilização pampeana (gaúchos)

Tomemos agora a habitação popular.

- I — Ciclo do *tapini* (Amazônia)
- II — Ciclo da *casa de sapé* (conhecida em todo o interior do Brasil)
- III — Ciclo dos *mocambos* (praias do Nordeste)

A *religião popular* pode também ser estudada à luz dêsse método:

- I — Ciclo da *pajelança* (Amazonas e Maranhão).
- II — Ciclo da *santidade* (o profetismo sertanejo, Canudos, Juazeiro, etc., todo o sertão brasileiro)
- III — Ciclo do *candomblé* (Bahia e suas irradiações urbanas)

A tradição pode, portanto, ser classificada *em conjunto* na sua área ou *isoladamente* no seu ciclo

O folclorista, porém, analisa, além das características regionais e das características diferenciais de suas "variantes", as *fontes originárias* das tradições. Verifica se houve migração, através do "*self-repeating-process*", de outras civilizações para o Brasil

Para o estudo de acôrdo com a sua *filiação histórica*, delineei o seguinte esquema de fontes do folclore brasileiro, fundado no critério lingüístico

- I — FONTES INDO-EUROPEIAS.
 - a) Elementos românicos (português, etc)
 - b) Elementos greco-romanos
 - c) Elementos germânicos
 - d) Elementos célticos.
 - e) Elementos eslavos
- II — FONTES SEMÍTICAS
 - a) Elemento arábico
 - b) Elemento judaico
- III — FONTES AFRICANAS
 - a) Bantu
 - b) Sudanês
- IV — FONTES AMERÍNDIAS
 - a) Tupi-guarani.
 - b) Outros elementos (gê, nu-atuak, etc)
- V -- FONTES ORIENTAIS
 - a) Elemento cigano
 - b) Elemento nipônico
 - c) Elemento maláio

No Estudo das fontes é indispensável traçar a *linha migratória* e ainda, aí, mais uma vez o método geográfico-cartográfico é um recurso precioso

Vejamos um exemplo sugestivo

Tomemos a antiquíssima fábula de ESOPO. *o lobo e o cordeiro* Foi imitada por numerosos fabulistas (GABRIAS, FEDRO, etc)

Na tradição popular européia essa fábula modificou-se em dois contos

- a) *o lobo e as cabrinhas*
- b) *o lobo e a menina* (ou *Chapêuzinho Vermelho*)¹

Na primeira houve persistência *zoomórfica* e na segunda tendência *antropomórfica*.

Ambas vieram para o folclore brasileiro e localizaram-se, de preferência, no *meio urbano*. No *meio rural*, a história do *lobo e a menina* estava fadada a desaparecer ou a modificar-se, uma vez que não existem, em nosso interior, lobos. Houve, entretanto, as seguintes adaptações

- a) *O lobisomem e a menina* (Nordeste).
- b) *O quibungo e a menina* (Bahia; influxo bantu)
- c) *O bicho-ponguê e a menina* (Minas, influxo bantu)

É fácil, pois, traçar a geografia da migração dessa tradição

ESOPO

(G R É C I A)

Persistência zoomórfica	Fabulistas	Tendência antropomórfica
<i>O lobo e as cabrinhas</i>		<i>O lobo e a menina ou</i>
Portugal		<i>Chapêuzinho Vermelho</i>
Brasil		Europa Ocidental
		(Portugal)
		Brasil
		núcleos urbanos)
		NORDESTE
		(<i>O lobisomem e</i>
		<i>a menina</i>)
		BAHIA
		(<i>O quibungo e</i>
		<i>a menina</i>)
		MINAS
		(<i>O bicho pinguê</i>
		<i>e a menina</i>)

No meu livro *Introdução ao estudo do folclore* cito cada uma dessas versões, analisando-as no seu "leit-motiv" e nas suas adaptações regionais

É indispensável recorrer-se à Geografia para realizar, com segurança, uma pesquisa *folclórica*

O método de folclore que não teve fundamentos geográficos não oferece objetividade e pode levar o pesquisador a falsas generalizações

Sem geografia (podemos concluir) o folclorista perde o contacto com a terra e o homem e, sem este contacto é impossível estudar o povo, justamente no seu aspecto mais espontâneo, típico e rudimentar¹

¹ Conferência realizada no C.C.G., (Centro de Conversações Geográficas), a convite do Professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA